

RESENHA

AS MARCAS DO TEMPO NO ESPAÇO: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

OSVALDO CARNEIRO DE MATOS NETO*

BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 222p.

José D'Assunção Barros é historiador, professor-adjunto de História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e graduado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador que possui publicações conhecidas no âmbito da Teoria da História, busca através da publicação de *História, Espaço, Geografia* indicar os possíveis diálogos interdisciplinares entre estes campos do saber, retomando importantes momentos de distanciamento e aproximação principalmente a partir do século XIX.

Ainda que o lançamento do presente livro seja recente, é possível indicar no mínimo três outros trabalhos de menor fôlego assinados pelo autor e lançados como artigos em revistas científicas e anais de eventos, desde a década passada.¹ Tais trabalhos apontam os caminhos percorridos pelo autor na construção do seu entendimento acerca dos principais conceitos que conectam a História e a Geografia. Começando

pelas noções de “Espaço”, “Região” e “Território” ainda no ano de 2006, o pesquisador, neste livro, expande sua análise para doze conceitos que considera tradicionais da geografia, mas que devem ser estudados pelos historiadores.

Visando chamar a atenção para a importância da dinâmica espacial para as pesquisas históricas, o autor aproveita-se da máxima de Marc Bloch no livro *Apologia da História*, ainda utilizada para definir a História como sendo “o estudo do homem no tempo”.² Diante disso, Barros aponta que é possível avançar nesta definição e considerar que “a História é o estudo do Homem no *Tempo* e no *Espaço*” (p. 15).

Entretanto, antes de iniciar o estudo dos conceitos da Geografia, Barros explica que a própria noção de Marc Bloch representava ela mesma um avanço alcançado pela historiografia na segunda década do século XX, por intermédio da Escola dos *Annales*. Isto porque em momentos precedentes a História era vista meramente com “registro” do passado humano e exercia uma função pedagógica em relação ao presente e ao futuro (*magistra vitae*). A passagem de “registro” para “estudo”, no entanto, se torna uma característica essencial da constituição da história enquanto disciplina acadêmica.

Os diálogos interdisciplinares entre Geografia e História são abordados em níveis diferentes, nas duas partes que compõem o livro. Na Parte I, intitulada “Um espaço em comum”, o autor aponta as interações que ocorreram desde a antiguidade até o século XIX. Citando escritores como Heródoto (485-420 a.C.) e o general romano Caio Julio Cesar (100-44 a.C.), Barros salienta a preocupação geográfica que perpassa tais escritos, como uma premissa importante para o

entendimento das relações sociais que se davam em determinado espaço. Na Idade Média não teria sido diferente, bem como na primeira modernidade, chegando o autor a qualificar História e Geografia neste período como “disciplinas irmãs”, mostrando-se como a “mais natural das interdisciplinaridades” (p. 19).

O século XIX tornou-se um período emblemático para História e Geografia, que continuariam irmanadas, porém com uma função ideológica marcante, a partir da formação dos Estados Nacionais Modernos. A utilidade destas disciplinas estaria intimamente ligada à necessidade de fomentar nos indivíduos “o sentimento de pertencimento ao território e à nação”, sendo, por este motivo, incluídas progressivamente no ensino básico. Fica evidente, deste modo, a utilização destes saberes para os interesses mais escusos, seja no âmbito político ou econômico, em diversos momentos da história.

Segundo o autor, é verdade que também no século XIX percebe-se a “ampliação da clivagem entre a História e a Geografia” e mais se investe “na separação entre Tempo e Espaço” (p. 21). Não por acaso este é o século que se estabelece sob o signo da cientificidade, exigindo que cada disciplina construísse seu próprio escopo de atuação, acabando por realçar as fronteiras entre as mais diversas áreas do conhecimento. Os próprios historiadores que começavam a se profissionalizar após sua inserção na academia, viam-se no momento de constituir suas especificidades de atuação.

Ficaria, deste modo, comprometida a perspectiva de que “o tempo-espaço constitui uma única e mesma instância diante da qual se torna possível compreender a estruturação das sociedades e o

desenvolvimento das ações humanas” (p. 22). Perspectiva esta com a qual Barros pretende dialogar no ponto máximo de sua análise, através da proposição de um novo procedimento metodológico inspirado nos acordes musicais, definidos como “harmonia espacial” e “poliacordes geográficos”. Como arremate do primeiro capítulo, o autor indica que a reaproximação entre História e Geografia só retomaria a cena a partir do século XX, assunto que é tematizado na segunda parte do livro.

O capítulo II, intitulado “Doze conceitos básicos da geografia e uma nova proposta”, inicia-se com uma distinção básica entre as áreas da Geografia Humana e da Geografia Física. Deste ponto em diante, Barros aponta que seguirá a sua proposta a partir da noção “mais completa e mais simplificada” de Geografia: “o estudo que envolve o homem, o espaço e o meio material” (p. 24). Salienta-se, ainda, os diversos conceitos que podem emergir desta “tríade de fatores centrais”, com os quais o autor trabalha nas páginas seguintes e que o lúcido entendimento dos mesmos poderia contribuir para a percepção do bocado de tempo que se encontra entranhado na materialidade física.

“Região” é o primeiro destes conceitos a ser analisado. Para José D’Assunção Barros este é “talvez o conceito geográfico mais importante para a História”, tendo em vista que atualmente a “História Regional” constitui uma modalidade específica dentro dos estudos históricos. Segundo Barros, a noção de “região” mais recorrente entre os historiadores “é a que se associa a subdivisões dos espaços nacionais”. Nesta esteira, valendo-se da perspectiva musical decorrente de sua formação, o autor explicita metaforicamente que cada conceito expressasse como um acorde, composto por inúmeras notas. Portanto, apenas

uma compreensão satisfatória do conceito, a partir de cada nota que lhe compõe, é capaz de fazer ressoar a melodia agradável do acorde.

Ainda sobre o conceito de “região”, Barros busca indicar algumas notas que compõem o acorde do mesmo. Inspirado pelos estudos de Pierre Bourdieu, o autor aponta que a “região” pode ser definida como “uma área unida por certos elementos que lhe trazem alguma homogeneidade, ao menos a partir de certa perspectiva, separa-se de outras regiões, ou de outras porções do espaço que apresentam características diferentes”. Ficam assim expressas pelo autor algumas notas básicas do “acorde conceitual de região”, sejam elas: homogeneidade, unidade, identidade, diversidade interna, movimento interno, subdivisão do espaço, etc. (p. 27-30).

Através de imagens e diagramas o autor repete o mesmo procedimento com diversos conceitos que considera tradicionais da geografia, visando as interlocuções possíveis com a história. Analisando obras importantes da Geografia e apropriações diversas para os conceitos, Barros os diferencia e pouco a pouco vai construindo as estruturas de um dos seus principais argumentos: o de que cada pesquisa, de acordo com objetos e métodos próprios, é que deve delimitar o uso possível de cada conceito. Veja-se: “A região, veremos oportunamente, nem sempre é aquilo do que se parte, mas também aquilo ao qual se chega” (p. 43).

Depreende-se disto que, caso História e Geografia pretendam aprofundar seus diálogos interdisciplinares, há que primeiro buscar entender e apropriar-se da devida maneira dos conceitos de uma área e de outra. Apesar do livro *História, Espaço, Geografia* partir do esforço de

um historiador que busca aprofundar-se na perspectiva geográfica e não o contrário, esta é uma mensagem direcionada aos estudiosos de ambas as áreas. Barros é taxativo ao asseverar que

em primeiro lugar, tudo parte dos conceitos. Não é possível simplesmente delimitar um espaço, ou se apropriar de uma concepção já existente de espaço com vistas a determinado estudo ou prática social, se não estabelecemos antes, com sinceridade e coerência, os nossos conceitos (p. 37).

Deste ponto de vista, outro conceito central para ambas as disciplinas, como aponta José D'Assunção Barros, é o de Escala, que pode ser empregada “para enfatizar a possibilidade de enxergar de diferentes patamares e perspectivas não apenas o espaço, mas também o meio, o tempo e o próprio homem”. Segundo o autor, este conceito sempre foi primordial para a Geografia e a partir de certo momento também para a História, como na modalidade Micro-histórica. No entanto, o uso da noção de “escala geográfica” também pode ser empregado por sociólogos e antropólogos, cada um de acordo com suas preocupações. A especificidade do seu uso para os historiadores estaria, para Barros, na “análise intensiva de certo tipo de documentação” (p. 85-88).

Numa comparação (diferenciação) profundamente desmistificadora entre Micro-história e “História Local”, retomada no fim da segunda e última parte do livro, Barros situa a relação que estas duas modalidades estabelecem com o espaço, através da escala de observação. No caso da Micro-história, o procedimento utilizado pelo historiador permite a focalização não apenas de uma localidade ou um

indivíduo, mas a apropriação de algum fenômeno local ou individual “como caminho para enxergar algo mais amplo” (p. 93).

Sendo assim, o estudo Micro-histórico não corresponde necessariamente ao estudo do espaço físico reduzido, embora admita Barros que isto possa ocorrer em muitas obras de micro-historiadores. Em suas palavras,

quando o micro-historiador examina uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente *a* pequena comunidade, mas estuda *através* da pequena comunidade. Esta não é, de modo geral, a Perspectiva da História local, que busca o estudo da realidade microlocalizada por ela mesma (p. 201).

Como se pode observar, exemplificado aqui através dos conceitos de “Região” e “Escala”, que foram pinçados dentre vários outros apresentados no livro, Barros esforça-se em salientar detalhadamente os diálogos interdisciplinares. Rumando, desta maneira, para a conclusão da primeira parte do livro, ao lançar uma “nova proposta” metodológica de análise do espaço denominada “poliacorde geográfico”, o autor preconiza uma perspectiva totalizante. Há que se observar as especificidades do espaço, bem como as dinâmicas temporais que constituem uma determinada realidade social, de acordo com o problema que se pretende elucidar e os materiais de que dispõe para tal:

Ademais, diante de uma mesma paisagem ou situação geográfica (a análise de um contexto espacial econômico, áreas culturais, ou o que mais for), cada pesquisador pode construir o seu próprio acorde conforme o que esteja apto a enxergar da espacialidade que se estende diante de si, ou conforme o que se proponha a escutar da grande

música que a totalidade examinada lhe oferece (p. 119).

Na Parte II do livro, intitulada “Interações possíveis”, José D’Assunção Barros retoma as articulações entre História e Geografia que se deram a partir da primeira metade do século XX, momento de reaproximações após os distanciamentos já destacados, os quais haviam ocorrido no século XIX. A chave de acesso a este novo período de contatos se dá por meio da relação de geógrafos com a Escola dos *Annales*, ainda em sua primeira geração, com Marc Bloch e Lucien Febvre. Tais interlocuções se deram, portanto, entre estes últimos historiadores e a escola geográfica de Vidal de La Blache.³

Segundo Barros, “La Blache, com seu método de releitura geográfica das camadas do tempo, examina precisamente as permanências – aquilo que se conserva na paisagem que se consolida”. Esta percepção ecoaria, de maneira ainda mais profunda, na segunda geração dos *Annales*, através do grandioso estudo de Fernand Braudel, em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no tempo de Felipe II* (1946). Por meio de uma “Geo-história”, este último historiador inauguraria uma modalidade historiográfica própria para o estudo das macrorregiões em uma “longa duração”, a qual levaria em conta a relação íntima entre sociedade e o meio geográfico, bem como as diferentes temporalidades (p. 129-144).

Ao avançar para a década de 1970, Barros aponta as desconstruções pelas quais passou a escola de Vidal de La Blache, através de estudiosos como o geógrafo Yves Lacoste. Preocupado em interpretar as sociedades modernas e os espaços urbanos em contraste com as

sociedades rurais do passado, Lacoste propõe o conceito de “espacialidade diferencial” por meio do qual questiona o espaço como elemento estático, sob o qual se desenrolam as mais diversas relações humanas, sem que haja nenhuma relação de reciprocidade. Perspectiva esta que encontra, segundo Barros, correspondências na obra de Milton Santos, um dos principais pensadores contemporâneos da geografia e que possui valiosa contribuição a respeito de uma visão materialista acerca do processo de globalização (p. 150-166).⁴

O último capítulo de *História, Espaço, Geografia* perfaz o caminho de uma análise pormenorizada do que o autor chama de “historiografia do pequeno espaço”. Como já mencionado, por meio dos conceitos de Micro-história, História Local e História Regional, Barros indica alguns usos, equívocos e falácias que se constituem ao redor dos mesmos. Encaminhando-se para o fim do livro, muitas mensagens de encorajamento são deixadas para historiadores e demais pesquisadores de diversas áreas que se ocupam do espaço. A indicação mais direta, no entanto, é feita para os adeptos de uma História Social, a qual escolho também como reflexão final deste breve texto:

De igual maneira, as ações se impõem ao espaço. Tensões as mais diversas se estabelecem, poderes constroem, resistências se afirmam. O espaço não é apenas o lugar no qual se luta, mas também por aquilo que se luta. Uma História Social, para além dos estudos de cultura e do urbanismo, pode tomar para base de suas pesquisas o espaço (p. 204).

Notas

* Mestrando em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0579-9387>.

¹ BARROS, J. D'A. História, Espaço e Tempo – interações necessárias. **Varia História**, vol. 22, n. 33, 2006. p. 460; BARROS, J. D'A. Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço. **Geografia (Londrina)**, vol. 19, n.3, 2010. p. 67; BARROS, J. D'A. Espaço, Território, Região – Pressupostos metodológicos. **Colóquio Baiano Tempos, Espaços e Representações: abordagens geográficas e históricas**, vol. 1, n.1, 2013. p. 1.

² BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

³ Esta interlocução pode ser observada nas seguintes obras: FEBVRE, L. **La terre et la evolution humaine**. Paris: Albin Michel, 1922; LA BLACHE, V. **Tableau de la geographie de la France**. Paris: Éditions de la Table Ronde, 1903; BLOCH, M. **Les caracteres originaux – Le l'Histoire rurale française**. Paris: A. Colin, 1952 [original: 1931].

⁴ LACOSTE, Y. **La geographie, ça sert d'abord à faire ela guerre**. Paris: Maspéro, 1976; SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. Rio de Janeiro, 1974.